



CLAYTON KAMATA

FOLHA DE S. PAULO

Funilaria custa menos em "martelinhos"



Funilaria feita com arte

AUTOMOTOR NEWS

Funilaria feita com arte



Acima, o dono da marca "Martelinho de Ouro", Pedro Souza Santana: "não criei o serviço, mas lancei no mercado"

MARCA REGISTRADA

É incerta a história sobre o início dessa técnica de reparar amassados na base da martelada. Há quem diga ser uma invenção totalmente brasileira. Alguns discordam, dizem que nós apenas aperfeiçoamos a arte. O nome "martelinho de ouro", contudo, tem dono. Pertence a Pedro Souza Santana, um senhor de 63 anos, e é uma marca oficialmente registrada.

"Demos entrada no pedido de registro em 1994, mas só saiu em 2005", conta Edvaldo Santana, filho de Pedro. E ninguém tentou registrar antes disso? "Sim! Se você entrar no site do Instituto Nacional de Propriedade Industrial, que regula essa questão de marcas, você verá todos os pedidos de registro para esse nome." Entramos no site. Uma rápida pesquisa no nome "martelinho de ouro" nos leva a uma lista de 16 pedidos de marca. O mais antigo é de 1983 – o processo já aparece como extinto. O único que teve o registro efetuado é a Reparadora de Autos Martelinho de Ouro. Justamente a empresa de Pedro e Edvaldo. E por que só eles conseguiram? Pedro gosta de dizer e ostenta no site da firma: foi o pioneiro.

"Eu não inventei o serviço, mas fui eu que lancei no mercado", ele diz – e logo começa a contar sua história. Trabalhou como funileiro na fábrica da Volkswagen, no ABC paulista, entre 1969 e 1980. Nos últimos cinco anos de serviço fez a chamada funilaria artesanal. Isso nada mais era do que retirar pequenos amassados da lataria já no final da linha de montagem, valendo-se apenas de um martelo. Tudo de maneira cuidadosa, para evitar que o carro voltasse ao setor de pinturas. Quando deixou a montadora, Pedro resolveu lançar nas ruas o serviço que havia aprendido dentro da fábrica. Fez sucesso. "Tinha um revendedor que comprava carros amassados, mas sem danos na pintura, e levava pra eu puxar a lataria de volta. Ele me via dando marteladas e não acreditava. E começou a dizer que eu tinha um martelinho de ouro." Daí o nome.

"NESSA PROFISSÃO, É PRECISO CONHECER AS PESSOAS CERTAS PARA SER CHAMADO PARA OS SERVIÇOS (INTERNACIONAIS). E É PRECISO MANTER CERTOS SIGILOS..."

Além de Pedro, apenas mais um funileiro saído da Volks usava a técnica naquele início de anos 80. Era Onofre Veiga, que ganhou o propício apelido de Uri Geller, o paranormal israelense que entortava talheres com o poder da mente. Eles só não imaginavam que, décadas depois, incontáveis levadas de brasileiros viajariam o mundo para executar o tal serviço.

DO PRÓPRIO BOLSO

Um vídeo no YouTube de quase três minutos mostra alguns estilosos carros esportivos da BMW sendo recuperados. Em seguida, exhibe as ruas de uma pequena cidade europeia. A legenda diz: "Talento martelinho restaurando amassados de granizo na França. Dois meses de trabalho".

O responsável pela filmagem é Rogério Carmieto. Há 12 anos ele transita por países do exterior para oferecer seu trabalho. "Nessa viagem da França eram 4 mil carros danificados no pátio da montadora. Para cada carro desamassado pagavam entre 850 e 1.200 euros. São veículos zero-quilômetro, cara. Você não pode deixar um amassadinho." Considerando que eles fazem até dois carros por dia, os valores soam atraentes. Mas Rogério logo joga o balde de água fria. "Quando viajamos pagamos tudo do próprio bolso. Eu compro a passagem, pago o hotel, se tiver que alugar carro eu alugo..."

É preciso contar com os imprevistos também. Certa vez, quando estava no Texas para arrumar algumas dezenas de carros castigados pelo granizo, Rogério foi surpreendido por uma nova chuva de gelo – e o veículo que ele havia alugado também acabou cravejado. Perguntado se ele mesmo desamassou o carro antes de devolver. A resposta vem direta. "O quê!? Devolvi como estava. Se pelo menos eles me pagassem pra arrumar..."